



# A MONTANHA DA ÁCUA LILÁS

FÁBULA PARA TODAS AS IDADES

**PEPETELA**

**Quinteto**

Ilustrações **Mauricio Negro**

# **A MONTANHA DA ÁGUA LILÁS**

**FÁBULA PARA TODAS AS IDADES**



**PEPETELA**

A  
**MONTANHA  
DA ÁGUA LILÁS**  
**FÁBULA PARA TODAS AS IDADES**

Ilustrações

Mauricio Negro

Convite à leitura e notas

Benjamin Abdala Junior

1<sup>a</sup> edição

**Quinteto**

São Paulo – 2018



Copyright © Pepetela, 2018

Todos os direitos reservados à

**QUINTETO EDITORIAL LTDA.**

Rua Rui Barbosa, 156, 1º Andar, Sala 1 – São Paulo – SP

CEP 01326-010 – tel. (0-XX-11) 3598-6000

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

**Editor especialista** Luís Camargo

**Revisora** Lívia Perran

**Pepetela** (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) nasceu em Benguela, em 1941. Licenciado em Sociologia, escritor, guerrilheiro, político e representante do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), foi professor na Universidade Agostinho Neto, em Angola, e presidente da Assembleia Geral da União dos Escritores Angolanos. É autor, entre outras, das seguintes obras de ficção: *Muana Puó* (1978), *Mayombe* (1980), *Predadores* (2005), *O Quase Fim do Mundo* (2008), *Contos de Morte* (2008), *O Planalto e a Estepa* (2009) e *A Sul. O Sombreiro* (2011). Em 1997, recebeu o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa, pelo conjunto da sua obra.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pepetela

A montanha da água lilás : fábula para todas as idades /  
Pepetela ; ilustrações Mauricio Negro ; convite à leitura e  
notas : Benjamin Abdala Junior. – 1. ed. – São Paulo :  
Quinteto Editorial, 2018.

ISBN 978-85-8392-133-2 (aluno)

ISBN 978-85-8392-137-0 (professor)

1. Ficção juvenil. I. Negro, Mauricio. II. Abdala Junior,  
Benjamim. III. Título.

18-16966

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

**Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964**

Este livro foi publicado anteriormente por Publicações Dom Quixote  
(Lisboa, Portugal, 2000).

A Quinteto Editorial foi fundada em 1984. Desde então, dedica-se à literatura infantil e juvenil, publicando os mais renomados autores desse segmento.

Para a Lueji



Convite à leitura	
<i>Benjamin Abdala Junior</i>	8
Apresentação	11
1 A montanha	13
2 Os lupis	15
3 As três qualidades	18
4 Os jacalupis	21
5 A água lilás	27
6 As descobertas científicas	30
7 Disputa e acordo	36
8 Os bichos da planície	46
9 O lúpi-comerciante tem ideias	50
10 O apetite dos jacalupis	58
11 A reunião decisiva	69
12 As modas da planície	74
13 Os lupões jacalupizam	79
14 Os leões e as onças	87
15 Luta e exílio	98
16 Toda estória tem um fim, não é?	106
Quem é Pepetela	110
Quem é Mauricio Negro	111
Informações paratextuais	112

# Convite à leitura

*A montanha da água lilás* é um livro sobre as raízes das injustiças sociais. Uma narrativa de ficção longa, em tom de fábula, em que seu sentido figurado, de grande atualidade, pode ser estendido ao que acontece ou aconteceu com muitos povos do mundo.

São duas as personagens que guardam o sentido ético desta narrativa: o lupi-poeta e o lupi-pensador. Os lupis são os habitantes da montanha da água lilás, seres inventados por Pepetela. Foi o lupi-poeta quem descobriu a água lilás, um líquido de perfume muito doce, que tinha a propriedade de acabar com os parasitas que infestavam a pele dos lupis. Além disso, a água provocava, entre eles, o saudável efeito de bom humor.

Os problemas surgiram a partir do momento em que começou a luta pela apropriação dessa fonte perfumada. As desavenças intensificaram-se com a comercialização da água. Tudo acontecia ao contrário do sonho do poeta que a descobriu. E com a extensão do negócio para os animais que viviam fora da montanha (leões, elefantes, onças, hienas etc.) e o mau uso da ciência e tecnologia, suas diferenças foram acentuadas

pela transformação da água em armas químicas e biológicas, utilizadas contra grupos rivais.

O que seria um sonho idealista do lupi-poeta torna-se elemento catalisador de ódio, inveja, cobiça e, sobretudo, violência. Qual seria o destino dos lupis, divididos entre cambutinhas, lupões e jacalupis? E o destino dos outros seres que habitavam a savana africana? Como ficariam o lupi-poeta (símbolo do sonho libertário) e o lupi-pensador, que tem uma visão crítica dessa experiência de vida? Essas duas personagens são facetas, a do poeta e a do pensador, que aparecem nesta narrativa e no conjunto da obra de Pepetela.

Uma das funções do lupi-poeta é a de transmitir às novas gerações experiências de vida, mas também sonhar com veios de água lilás que promovam a sociabilidade.

A simbolização dos sonhos nessas águas permite associá-la a uma perspectiva ecológica. Ecologia em sentido amplo – tanto no mundo natural como no sociocultural.

Fica a pergunta: o que as novas gerações terão a dizer a partir desta narrativa poética, aparentemente singela, mas que, o tempo todo, procura levar o leitor do encantamento à reflexão?

*Benjamin Abdala Junior*

Professor Titular de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP



# Apresentação

O AVÔ BENTO, EM NOITES DE CACIMBO<sup>1</sup> À VOLTA DA FOGUEIRA, NOS CONTOU, FUMANDO O SEU CACHIMBO QUE ELE PRÓPRIO ESCULPIU EM PAU ESPECIAL.

Dizia a estória se passou aqui mesmo, nas serras ao lado, mas pode ser que fosse trazida de qualquer parte de África. Até mesmo do Oriente, onde dizem também há água lilás.

Se virmos bem, em muitos lados pode ter uma montanha semelhante. Eu só escrevi aquilo que o avô nos contou, não inventei nada.

---

<sup>1</sup> Nevoeiro denso, próprio do inverno, que, às vezes, chega a se tornar garoa.



# I A montanha

## ERA UMA MONTANHA COMO AS OUTRAS.

Tinha formas arredondadas, como todas as montanhas já velhas, muito batidas pelos ventos. Tinha vales pouco profundos, por onde corria um regato que nascia no cume mais alto e descia em múltiplas curvas até a planície. Aí recebia água de outros riachos, nascidos noutras montanhas, e virava rio grande. Mas isso já era longe da nossa montanha, não entra na estória. Aqui era mesmo só um regato de água límpida, saltitante entre os rochedos, lambendo as raízes das árvores que cresciam nas margens. Toda a montanha estava coberta por vegetação: árvores grandes como a mafumeira<sup>2</sup>,

---

<sup>2</sup> Sumaúma, no Brasil; a árvore mais alta do continente africano.

a mulemba<sup>3</sup> ou a amoreira de tronco branco, e também as de frutas silvestres. No chão se misturavam fetos<sup>4</sup> de diferentes formas e tamanhos, begônias e rosas-de-porcelana. Só num ou outro sítio tinha capim, capim tenrinho e que não crescia muito, por causa da sombra das grandes árvores, gigantes teimosos escondendo o Sol.

O clima não era muito quente, por causa da altitude. E chovia bastante, daquelas chuvas rápidas que sem avisar nos caem em cima, embora nunca com grande violência.

A montanha tinha dois cumes principais: o cume Lupi, o mais alto, onde nascia o rio de mesmo nome, e o cume do Sol, no extremo oposto. No meio dos dois cumes havia um morrozito com pedras, sem plantas nem árvores, apenas capim baixo. Era o sítio mais calmo e perfumado da montanha e dali se podia ver melhor o luar de lua cheia; por isso era o Morro da Poesia.

Era uma montanha como todas as outras. Mas seria mesmo?

---

<sup>3</sup> Figueira africana, considerada sagrada em algumas culturas.

<sup>4</sup> Plantas sem flores, com folhas bem divididas, como as samambaias.